

Carnaval



Carnaval – Kathellen Timoteo Matos

Biografia da autora: Kathellen Matos, nascida em Minas Gerais, é aluna do curso de Design da Universidade Federal do Espírito Santo. Amante de artes em geral, tem como hobby a escrita criativa, inspirando-se em autores de língua portuguesa, como Álvares de Azevedo e, especialmente, Cecília Meireles.

Resumo do texto: Numa manhã de quarta-feira de cinzas, Angela relembra os acontecimentos do dia anterior, que tomaram um rumo diferente após ela resolver descer do seu apartamento para ir até uma praça.

As águas da baía estavam calmas atrás do ponto de ônibus onde Angela se encontrava e, como sempre, ventava o bastante para que, naquele horário, ela quase não sentisse o sol. Ela se permitiu ficar sentada, mesmo já sendo nove da manhã e sabendo que deveria voltar para casa para limpar a cozinha, a sala, o quarto e o banheiro antes de fazer o almoço, e se arrumar para ir ao trabalho, em que ela deveria estar dali a quatro horas. Pensando bem, também seria bom se limpasse a varanda, pois o vento tropical trazia um pó preto direto de uma famosa mineradora, que permanecia imponente todos os dias, soltando sua fumaça pelos céus da cidade e fazendo com que ela se misturasse às nuvens. Apesar de tudo isso, Angela se permitiu ficar ali para pensar uma última vez — ou penúltima, ou ainda primeira de muitas outras — em tudo o que tinha acontecido nas horas anteriores.

Era uma quarta-feira e, no dia anterior, Angela havia acordado no mesmo horário em que costumava acordar quando não tinha que trabalhar. Em dias como esse, ela acordaria e logo tomaria café, para começar a arrumar a casa em um ritual religioso. Porém, nesse dia, Angela resolveu descer as escadas e ir para a praça. As ruas do Centro estavam animadas, como já era de se esperar nessa época do ano. Ela se sentou num banco de concreto e ficou ouvindo a música já distante do bloco de carnaval que havia passado ali por perto há alguns minutos enquanto brincava com uma folha seca que havia caído ao seu lado. De repente, ela reparou que outra música surgia na direção contrária e em uma distância mais próxima.

De repente, ela reparou que outra música surgia na direção contrária e em uma distância mais próxima. Ao se virar para olhar em direção ao som — após bater os olhos em algumas árvores, um carrinho de pipoca, algumas pessoas fantasiadas e em um senhor que dormia em um dos bancos da praça —, Angela descobriu que a música vinha de um rapaz que tocava violão a três bancos de distância de onde ela estava. Ele percebeu o olhar curioso de Angela e perguntou se ela queria se juntar a ele.

Ela encarou o seu relógio de pulso por alguns segundos e constatou que eram onze e meia da manhã, então a restava apenas algum tempo antes de voltar para casa e terminar o almoço pré-preparado na noite passada. Angela costumava ser muito correta com seus horários, porém um dos seus passatempos preferidos era cantar, isso a fazia se sentir relaxada e a distraía das preocupações rotineiras. Além de a lembrar de sua avó materna que, curiosamente, tinha o costume de cantar em bares quando ainda era viva. Dessa forma, ela se levantou, foi em direção ao rapaz, sentou-se ao seu lado e eles cantaram por alguns minutos, antes de dizer qualquer coisa.

Ao término do primeiro samba, Angela descobriu que o nome do rapaz era Rafael e que, na verdade, ele era do Rio de Janeiro. Ela não se surpreendeu, pois já havia notado, pelo sotaque, que Rafael não conseguia esconder nem mesmo ao cantar. Entretanto, ao saber que ele estava ali só de passagem durante o feriado, ela estranhou. Afinal, pensou ela, quem deixa o Rio de Janeiro para vir para essa cidadezinha nessa época do ano? Mas qual seria mesmo a grande diferença entre o carnaval das duas cidades? Provavelmente, o fato de um chamar atenção nacional, ter mais pessoas para encher a cidade, e ter blocos famosos em um centro repleto de prédios marcados pelo passado imperial. Já o centro onde ela morava, pelo contrário, tinha prédios menores e ruas mais espontâneas, devido ao não planejamento de sua malha urbana.

Além de, é claro, ser repleto de morros evidentes ao redor, os quais as pessoas habitavam e onde tentavam seguir com suas vidas apesar da crueldade da existência. Angela afastou seus questionamentos e apenas contou que veio do interior do estado, mas que já morava ali no Centro da capital havia muitos anos e não conhecia o Rio de Janeiro, a não ser pelas fotos e livros de história.

Eles tocaram mais duas canções e ela se desculpou, pois precisava ir para casa terminar o almoço. Rafael disse estar tudo bem e que, provavelmente, almoçaria em algum restaurante nas proximidades, já que ele estava na casa de sua prima que morava em algum lugar mais ou menos perto da Terceira Ponte, já em Vila Velha, então demoraria um pouco para que ele chegasse até lá. Ele comentou que a tal ponte o lembrava a Rio-Niterói, por ligar uma cidade a outra, mas que, apesar disso, ela era bem menor e não tinha os navios em volta. Angela disse gostar da forma sinuosa da ponte e de como, ao longo dela — do lado direito, no sentido Vila Velha —, ia se revelando que o pontinho branco em cima de um morro era, na verdade, o cartão postal mais famoso do estado: um convento que é marco da arquitetura colonial brasileira. Concordando que a ponte era uma de suas partes preferidas da cidade, ela decidiu então convidá-lo para o almoço.

Angela morava apenas com seu gato Frederico, pois deixou sua família no interior quando veio estudar na capital e nunca mais voltou. Seu apartamento era pequeno, antigo, sem elevador e a escada que dava acesso até ele era estreita. Ficava numa ruazinha perto da Rua Sete de Setembro. Angela imaginou que Rafael estava se perguntando se ela costumava beber e, caso a resposta fosse sim, se ela não caía da escada com frequência ao voltar para casa.

Durante o almoço, Angela descobriu o motivo pelo qual Rafael deixou o Rio de Janeiro em pleno carnaval para ir até o Espírito Santo. Ele vivia sozinho com sua mãe, pois seus pais eram divorciados desde que ele era criança e ele não costumava ver o pai com frequência. Mesmo admirando muito sua mãe, eles discutiam bastante por causa das mais variadas besteiras e isso, geralmente, fazia com que ele resolvesse dar um tempo fora de casa. Rafael admitiu que, às vezes, não tinha maturidade o suficiente para lidar com os conflitos da vida. Angela compreendeu e compartilhou que preferia continuar a viver sozinha, pois tinha uma convivência muito conturbada com sua família, que era muito controladora.

Ela era uma pessoa sistemática, preocupada com horários, que checava três vezes se trancou a porta antes de sair e que, acima de tudo, não se abria fácil. Apesar disso, ela apreciava as coisas simples da vida, como se sentir emocionada com a paixão das pessoas pelas escolas de samba ou times de futebol, mesmo que ela própria não conseguisse se conectar a nada disso. Porém, naquele dia, alguma coisa diferente aconteceu. Era como se, por algumas horas, ela tivesse se permitido, despreocupadamente, aproveitar cada minuto sem checar o relógio, sem precisar pensar muito ao falar. Era como se, de repente, viver e se relacionar tivesse se tornado uma coreografia que ela já sabia tão bem que nem precisava ter medo de dar o próximo passo. Ela se conectou com o presente e podia ver nos olhos de Rafael que ele estava se sentindo tão leve quanto ela com aquela afinidade e familiaridade construída em algumas horas.

É claro que os dois resolveram passar mais tempo conversando sobre como a mãe de um era extremamente liberal, mas, ao mesmo tempo, vingativa e manipuladora, e sobre como

o pai do outro era conservador e exigia saber de todos os passos que foram dados pela filha durante o dia. Além disso, é certo que os dois cantaram mais sambas e compartilharam prazeres musicais um com o outro. E até arriscaram uma dança na varandinha apertada da casa dela, mesmo que Rafael tivesse pisado sete vezes no pé de Angela — ela contou. E no fim das contas, pararam para olhar a vista que dava para outro prédio sujo e para fios de luz caóticos que eram aparentes por todo o centro da cidade. Tentaram, não se sabe ao certo por quanto tempo, contar os fios e pensar em maneiras de reorganizá-los.

Uma das vantagens de viver perto da Rua Sete é que você não precisa andar muito para chegar a vários bares bem agradáveis: ela é conhecida pela sua vida noturna e boêmia. Lá eles compartilharam algumas cervejas, acompanhados de alguns amigos de Angela. Sentados à mesa, três dos seus amigos estavam fantasiados e com purpurina em seus rostos, assim como algumas outras pessoas no bar que molhavam pedacinhos de frango frito em um molho esverdeado e conversavam alto para se ouvir falar em meio ao pandeiro e as vozes que cantavam. Entre copos de cerveja com leve gosto de milho, Rafael descobriu como Angela sempre acabava discutindo com o professor de Sociologia Geral, e também com o de Psicologia, e com alguns outros, porque, segundo a própria Angela, ela não leva desaforo para casa.

Ao caminhar pelas ruas apertadas do Centro, eles conversaram sobre como nenhum dos dois jamais havia ouvido falar de Impressionismo na literatura e se questionaram como poderia ser. Será que, ao escrever um texto sem pontuação no qual não sabemos onde termina e onde começa outra frase ou oração até terminamos de ler e enxergarmos o texto como um todo, estaríamos escrevendo de uma forma impressionista? Mas é claro que isso não seria suficiente e que se precisaria de algum jogo de palavras, alguma mistura do concreto com o abstrato, para dar a impressão de que todas as coisas estão sendo vistas e contadas de uma perspectiva única, que só poderia ser alcançada e expressa com os mesmos sentimentos ali naquele instante e nunca mais. Ao ter uma epifania, os dois idealizaram uma vanguarda artística e chegaram à conclusão de que agora só precisavam de artistas para colocar toda aquela ideia genial em prática. Ambos também concordaram que falar da impossibilidade da vanguarda na arte pós-moderna era pura ladainha de Bauman, apesar de, no fundo, eles acreditarem que toda aquela história até fazia algum sentido.

Como se nada mais importasse, deixaram que começasse a ficar muito tarde para Rafael pegar o ônibus. Mas, sem que nada precisasse ser dito, os dois voltaram juntos ao apartamento de Angela, caminhando a passos calmos, entre os prédios e fachadas nostálgicas e postes de luz branca.

Talvez eles tenham percebido que o lençol e o travesseiro foram colocados inutilmente no sofá da sala no momento em que ela pousou a mão sobre a dele e seus olhos se encontraram, de forma que, como se estivessem procurando alguma coisa, aproximaram seus rostos um do outro e encostaram os lábios. Ou talvez tenha sido quando Angela sentiu os dedos de Rafael brincando em suas costas, trazendo-lhe arrepios que roubavam sorrisos. Ou talvez tenha sido só quando eles estavam deitados e entrelaçados, ouvindo apenas suas respirações e os estalos que suas bocas faziam ao beijar o corpo um do outro, como se fossem a melodia principal que era acompanhada pelo suave batuque que soava distante ao entrar pela janela.

O lençol e o travesseiro no sofá descansaram por toda a noite, enquanto Angela e Rafael adormeceram em um abraço, na cama.

O dia seguinte já era uma quarta-feira de cinzas e o ano finalmente começaria em algumas horas. Ao meio dia, para ser mais exato. Rafael e Angela sorriram um para o outro ao acordar, se levantaram, comeram pão com manteiga e beberam café — o de Angela mais amargo do que o de Rafael — e foram para o ponto de ônibus para que ele pudesse voltar para a casa de sua prima. Rafael contou que voltaria para o Rio naquela noite, mas que havia gostado muito de conhecê-la e que, deixando um papel com seu número de celular nas mãos de Angela, gostaria que mantivessem contato. Ela sorriu, assentiu com a cabeça e disse sentir o mesmo.

Permaneceram em silêncio até que o ônibus se aproximou e, com um abraço, disseram adeus.

Há dez minutos, Angela estava sentada no mesmo ponto, sentindo o vento da baía, pensando em como tudo isso pareceu um filme. Alguns navios deixavam o porto atrás dela, navegando em direção a algum lugar, para deixar alguma mercadoria. Havia aqueles para quem o carnaval continuaria até o fim do dia, e, para os mais entusiastas, ele duraria até o fim do mês, quando o último bloco acabasse.

Ela se levantou e seguiu seu caminho satisfeita quando se deu conta de que, mesmo que eles nunca mais se vissem ou se falassem, quem poderia dizer que isso não foi amor?

